

A TRADUÇÃO: NÚCLEO GERATRIZ DA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL

Nelly Novaes Coelho (USP)

Ora na terra não havia senão uma mesma língua e um mesmo modo de falar. E os homens tendo partido do Oriente acharam um campo na terra de Senaar e ali habitaram. /.../ E disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façamos célebre o nosso nome. /.../ O Senhor, porém, desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam e disse: Eis aqui um povo que não tem senão uma mesma língua; e uma vez que eles começaram esta obra não há de desistir antes que a tenham executado. Vinde, pois, desçamos e ponhamos nas suas línguas tal confusão que eles não entendam uns aos outros. Desta maneira é que o Senhor os espalhou por todos os lugares da terra e eles cessaram de edificar a cidade. /.../ E lhe foi posto o nome de Babel, porque nela é que sucedeu a confusão de todas as línguas do mundo. E dali os espalhou o Senhor por todas regiões (Gênesis, 11,4).

Não seria por acaso que o mito religioso da Torre de Babel aponta a **diferenciação** da primitiva língua comum, como a **causa primeira da incompreensão** entre os homens e a conseqüente separação que os dispersou pelo mundo todo.

A comunicação através de uma língua, cujo código seja comum a todos, é, como sabemos, o fator primeiro e essencial para que os homens se entendam e juntos possam construir suas vidas, no mundo em que lhes cabe viver. Escolhemos, aqui, o mito da Torre de Babel como ponto de partida, porque ele contém duas importantes lições: a primeira é a necessidade básica da **comunicação ver-**

ILHA DO DESTERRO, Nº 17, 1º semestre de 1987. pp. 21-32

bal entre os homens, para que juntos possam trabalhar e construir suas vidas, com plenitude e grandeza; a segunda é o poder quase divino que eles podem alcançar, a partir do domínio da palavra que lhes abrirá caminho para o Conhecimento; permitirá a mútua compreensão no convívio diário e a conjugação de forças, necessárias na luta pela vida.

A tal ponto vai o poder que os homens podem alcançar, através da Comunicação e do Conhecimento, que lhes são possibilitados pela Palavra, que o Senhor, sabendo aonde eles podiam chegar, castigou-os pela ousadia, confundindo-lhes as línguas. (As possíveis interpretações desse "ato de punição" divino não vêm aqui ao caso e nos levariam longe demais na discussão.)

É, pois, diante dessa característica essencial do ser humano, -a expressão e a compreensão da fala, que avulta a importância da tarefa que o ato de traduzir desempenhou, entre os homens, desde os primórdios da História. Tal tarefa torna-se-nos evidente, no momento em que começamos, por exemplo, a estudar o surgimento das primeiras narrativas exemplares ou das primeiras fábulas, séculos antes de Cristo; e acompanhamos o lento percurso vencido por elas, não só através do tempo, mas principalmente através das enormes distâncias geográficas, que elas acabaram vencendo, para permitirem a comunicação fecunda entre todos os homens da terra. Diver-tindo ou emocionando os seus ouvintes, essas narrativas primordiais foram as mediadoras entre os homens (ainda entregues a sistemas de vida bárbara ou primitiva) e os ideais de civilização que começavam a nascer, naqueles tempos longínquos.

Estudiosos das mais diferentes áreas (filólogos, folcloristas, antropólogos, arqueólogos, sociólogos, historiadores, etc.) conseguiram, por diferentes caminhos, descobrir e acompanhar os rastros da gigantesca tarefa desempenhada pela Literatura, na difusão dos valores, ideais, padrões morais, modelos de comportamento, tabus a serem respeitados, etc., etc. que caracterizam cada sociedade ou grupo comunitário e que, de Era para Era, vêm conduzindo a Humanidade, em seu longo processo de evolução.

Dentre esses estudos, avulta a importância dos filólogos ou lingüistas que, no início do séc. XIX, preocupados com as origens das línguas neolatinas ou anglo-saxônicas, passaram a recolher,

da boca do povo, as narrativas arcaicas que a Memória coletiva guardara. Visando o estudo da língua, tais **Os Caminhos da CALILA E DIMNA**.

Apenas para exemplificar os intrincados **caminhos da comunicação humana** e a tarefa desempenhada pela **tradução**, no âmbito da Literatura Popular e da Infantil, lembramos aqui o provável percurso seguido pela coletânea indoeuropéia, CALILA E DIMNA, - uma das fontes mais antigas do folclore europeu e do sul-americano, via Europa. Segundo os orientalistas (T. Benfey, Huet, De Sacy...), as narrativas de CALILA E DIMNA nasceram na Índia, por volta do séc. VI a.C., e algumas delas fariam parte do **Pantschatantra** (apólogos ou narrativas edificantes usadas pelos pregadores budistas) ou da epopéia primitiva indiana, **Mahabarata**. A língua original de CALILA E DIMNA foi o **sânscrito**.

Sua primeira versão teria sido **persa**, feita no séc. VI depois de Cristo, por ordem do rei Cosroes, da Pérsia, que mandara seu médico à Índia, em busca dos "tesouros de sabedoria" que diziam existir ali. O médico encontrou o fabulário indiano de Bip-pai (ou Pilpay, figura que ficou conhecida como o Esopo oriental). Traduziu-o do **sânscrito para o persa**, com o título de CALILA E DIMNA (nomes dos chacais que são as personagens principais). Do persa, a coletânea foi, mais tarde, traduzida para o sírio e finalmente, no séc. VIII, para o **árabe**. Foi esta última versão (feita por Ibn Al-Mukafa) que se divulgou por toda a Europa e serviu para as traduções em **hebraico** e em **latim**, por volta do séc. XV. Muitas de suas narrativas foram traduzidas em várias línguas neolatinas ou anglo-saxônicas e hoje fazem parte do folclore de diferentes regiões. (Uma consulta ao mapa-mundi, marcando as possíveis rotas seguidas pelos que levaram essas narrativas através de tão longas distâncias, da Índia para a Pérsia, desta para Síria, Arábia e toda a Europa... tornará evidente o gigantesco esforço dispendido pelos homens para se comunicarem uns com os outros, no sentido de conquistarem ou propagarem a Sabedoria da Vida).

Como exemplo de uma das narrativas de CALILA E DIMNA que se integraram no folclore europeu e se transformaram, posteriormente, em literatura infantil, está a estória de "O Asceta e a Jarra de Manteiga e Mel". A lição que lhe serve de motivo é: a inutilidade

de dos sonhos demasiadamente ambiciosos ou o perigo dos "castelos no ar" ou dos edificadoss sobre a "areia", isto é, sem uma base segura e resistente que os mantenha de pé. Ao atravessar o tempo e as muitas traduções ou adaptações, essa estória exemplar chegou até nós, como "A Moça e o Pote de Leite", divulgada na Europa, a partir do séc. XVII, pela tradução francesa de La Fontaine, em FÁBULAS. Ela deve ter entrado no Brasil, trazida pelos portugueses, através da comunicação oral "das estórias ao pé do fogo". Já em nosso século, Monteiro Lobato retomou-a, escrevendo uma nova versão que inclui em seu livro FÁBULAS DE NARIZINHO. (Como se vê, uma estória inventada na Índia, séculos antes de Cristo, por ser portadora de uma verdade humana, venceu o tempo, as distâncias e as diferenças lingüísticas, para chegar ao Brasil e hoje fazer parte de nosso acervo folclórico e de nossa literatura infantil). Esse pequeno exemplo mostra-nos, de maneira clara, a tarefa que vem sendo desempenhada pela **tradução**, como um dos mediadores mais importantes para a difusão, em âmbito universal, dos altos ideais e/ou das grandes experiências (ou das negativas) que, através da literatura, têm servido de modelo, inspiração ou tabus à humanidade, em sua longa marcha no sentido da evolução e do progresso. **A Gênese da Literatura Infantil/Juvenil.**

Em todas as nações novas (como nas Américas, por ex.) a Literatura Infantil começou pela **tradução** (trazida pelos colonizadores). É o caso, obviamente, da Literatura Infantil Brasileira, cujas origens estão nas **traduções portuguesas** que aqui entraram, **oralmente**, durante o período da colonização. E que continuaram a chegar, já em livros, mesmo depois da nossa independência política, em 1822. Não podemos esquecer que nenhum progresso cultural se desenvolve em curto prazo. Daí o ter levado um século, para começarmos a defender, aberta e conscientemente, nosso **direito à autonomia cultural** e à busca de nossas **características próprias**, defesa que se impõe, a partir do Modernismo (eclodido em 1922, com a Semana da Arte Moderna, em São Paulo); e ainda hoje, em plena evolução, exige-nos luta, consciência e trabalho...

Foi, portanto, através de **traduções portuguesas** que as crianças brasileiras conheceram o prazer de suas primeiras leituras literárias e começaram conviver com as grandes personagens, com os ideais de vida e os padrões morais que estavam na base da Socieda-

de romântica/liberal/cristã, de que somos herdeiros e continuadores/transformadores.

Uma das pesquisas mais completas, já realizadas na área da tradução de livros infantis no Brasil, é devida a Leonardo Arroyo (cf. cap. "Tradução e ficção" in *op. cit.* Bibliografia final). Mas, evidentemente, não é exaustiva nem conclusiva. O problema é bastante complexo e está ainda à espera de uma equipe que realize as pesquisas necessárias, nas inúmeras fontes de documentos possíveis de serem localizados. De qualquer forma, seja pela esclarecedora pesquisa de Arroyo; seja por catálogos antigos de editoras e livrarias de Portugal e França (que comerciavam com o Brasil no séc. XIX e início deste); seja pelos depoimentos sobre "leituras infantis" em crônicas ou obras memorialísticas (cf. Luis Edmundo, *O Rio de Janeiro de meu Tempo*; Ciro Arno, *Memórias de um Estudante* (1855-1906); Gilberto Amado, *Histórias de Minha Infância*; etc); ou pelo *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento Blake; etc., sabe-se que as crianças, os jovens e os adultos brasileiros entraram no mundo da Literatura, da Cultura ou das Idéias, através das traduções e, evidentemente, através das obras estrangeiras, lidas no original.

A simples consulta aos velhos catálogos de livrarias da época mostra a influência exercida, principalmente pela França, em nossa formação cultural (via Portugal ou direta). Os livros aqui vendidos, desde o séc. XIX apresentavam-se em **versão original francesa** (de autores franceses); em **tradução francesa** (de autores estrangeiros) ou em **traduções portuguesas** (basicamente de livros franceses ou de outras línguas já vertidas para o francês. Evidentemente, a literatura portuguesa original era uma das grandes presenças em tais catálogos.

Quando à natureza dos livros literários de maior sucesso (ou pelo menos os de maior circulação) entre os pequenos leitores eram: romances de aventuras, contos jocosos; contos exemplares; narrativas religiosas; fábulas; contos de fadas; etc. Ou, em outras palavras, eram narrativas que falavam de coisas importantes para a condição humana:

1. As diferentes **aventuras e emoções** que os homens podem viver, alçando-se de seus limites humanos ao **nível do heroísmo**. As pri-

meiras traduções de romances dessa natureza que entraram no Brasil, a partir do séc. XIX foram: AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ do inglês Daniel Defoe (que teve inúmeros tradutores em português, inclusive feitas por brasileiros); VIAGENS DE GULLIVER do irlandês Jonathan Swift; AVENTURAS DE TELÉMACO do francês Fenélon; O ROBINSON DE DOZE ANOS de autor francês desconhecido e traduzido por José da Fonseca; O ROBINSON SUIÇO de J. A. Wyss; OS PURITANOS DA ESCÓCIA do inglês Walter Scott; A ESCOLA DOS ROBINSON e A ILHA MISTERIOSA do francês Julio Verne; SIMÃO DE NANTUA de M. Laurent de Jussieu; os folhetins novelescos, publicados em rodapés de jornal ou em literatura de cordel, tais como: HISTÓRIA DE JOÃO CALAIS; HISTÓRIA DE ROBERTO, O DIABO; HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA; HISTÓRIA DOS FILHOS DE CARLOS MAGNO; HISTÓRIA DA IMPERATRIZ PORCINA; HISTÓRIA DE DONZELA TEODORA; etc, as novelas do italiano Emilio Salgari, O PESCADOR DE BALEIAS; O CAPITÃO TORMENTA; etc.

2. Os recursos ou artimanhas picarescas que a sabedoria prática do povo sugeria aos fracos, para vencerem o poder arbitrário dos fortes, que os ameaçavam. Trata-se da literatura jocosa, uma das mais antigas no mundo: a que usava (e sua) o riso para castigar os erros humanos. Entre os títulos de maior sucesso que circularam no Brasil antigo, citam-se: ASTÓCIAS DO BERTOLDO do italiano G. Cesare Croce (e toda a série, Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno); JUCA E CHICO (Max e Moritz, do alemão Wilhelm Busch, traduzido por Olavo Bilac, sob o pseudônimo de Fantásio); O GIL BRÁS PARA A INFÂNCIA ou AVENTURAS DE GIL BLAS do francês Lesage; FÁBULAS do grego Fedro e do francês La Fontaine; as populares "estórias de Trancoso" que até hoje são contadas às crianças do Nordeste; e as inúmeras "fabcécias" publicadas pela literatura de cordel.

3. O alimento à Imaginação e à Fantasia que devia preencher os momentos de ócio e tornar a vida mais gratificante. Além dos clássicos contos de Perault, Grimm e Andersen, tiveram grande aceitação: os contos orientais de AS MIL E UMA NOITES (traduzidas para o francês por Galland); AVENTURAS DO BARÃO DE MÜNCHHAUSEN das alemães Burger e Rasper; ALICE NOS PAÍS DAS MARAVILHAS do inglês Lewis Carroll; PINÓQUIO do italiano Collodi; JOÃO FELPUDO e O MENINO VERDE do alemão H. Hofmann; e toda a série de livros de J. Verne, com o novo maravilhoso, trazido pela Ciência.

4. O **comportamento e os conhecimentos** considerados ideais para o convívio familiar e social, numa sociedade civilizada (paternalista/cristã): as boas maneiras, a cordialidade, a higiene, a honestidade, a tolerância, a instrução, a obediência aos superiores ou às autoridades; dedicação filial (fraternal, paternal ou maternal); a valorização do trabalho e conseqüente repúdio à ociosidade; etc., etc. Dentre os títulos de **livros exemplares** destacam-se as traduções portuguesas do cônego alemão Cristoph von Schmid: A CESTINHA DE FLORES; O CANÁRIO; OS OVOS DE PÁSCOA; EMMA DE TANNEBURGO; etc., os livros da russa, radicada na França, Condessa de Ségur: AS MENINAS EXEMPLARES; AS FÉRIAS; OS DESASTRES DE SOFIA; MEMÓRIAS DE UM BURRO; etc.; O ALFORJE DO CONTADOR (da Biblioteca Moral portuguesa, com cerca de 100 pequenos volumes, traduzidos do francês por R. Câmara Bittencourt); A FAMÍLIA BRANÇON de Laurent de Jussieu; TESOURO DAS MENINAS de Mme. Beaumont; TESOURO DOS MENINOS de P. Blanchard; GLUXS BABY, O ENJEITADO (trad. do inglês por Ramalho Ortigão); COLEÇÃO DE CONTOS FILOSÓFICOS (Para instrução e recreio da mocidade portuguesa, traduzidos por Francisco Luiz Leal); RAMALHETINHO DA PUERÍCIA; e o grande sucesso de italiano Edmundo de Amacis, CORAÇÃO.

5. As **virtudes ou qualidades** exigidas ao ser para seu aperfeiçoamento interior; convívio harmonioso com os outros; resignação às "provas" que o destino lhe pedir e conseqüente recompensa (ou castigo) no além-vida (céu ou inferno). Estão nessa linha religiosa, os numerosos "livros edificantes" que serviam de leitura nas escolas, tais como: RECREIO ESCOLÁSTICO; inúmeros títulos da BIBLIOTECA DA JUVENTUDE CRISTÃ (aprovada pelo Cardeal do Porto); RESUMO DA HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO; PEQUENO RESUMO DA HISTÓRIA SAGRADA; CATECISMO PARA INFÂNCIA; etc.

6. Os **conhecimentos gerais** exigidos às pessoas cultas. Atendendo a essa finalidade erudita, aparecem as obras de divulgação, enciclopédicas, adaptadas aos pequenos leitores: MUSEU PITORESCO (ou História Natural dos 3 reinos da Natureza) do francês Houbloup Duval; LIVRO DE OURO DOS MENINOS; HISTÓRIA NATURAL (para meninos e meninas extraída das obras de Buffon, Cuvier e outros naturalistas, por Luis Napoleão Chernoviz); A MYTHOLOGIA DA MOCIDADE (História dos deuses, semi-deuses, divindades alegóricas da fábula, por Caetano Lopes de Moura); ALMANACH DAS CRENÇAS; etc., etc.

Quanto aos **álbuns de gravuras**, os pioneiros a chegarem ao Brasil, através da tradução portuguesa, foram os do francês Benjamin Rabier, precursores das atuais estórias-em-quadrinhos. Entre seus títulos mais vendidos estão: OS ANIMAIS SE DIVERTEM; OS ANIMAIS EM LIBERDADE; ESCUTEM! O FUNDO DO SACO; etc.

Por essa breve resenha das primeiras leituras literárias, conhecidas por nossas crianças e jovens do séc. XIX e início do séc. XX, é fácil avaliarmos a importância da **tradução** em nossa **formação cultural** e, de uma maneira geral, na **difusão das idéias ou ideais** que marcam a marcha da civilização. O inconveniente dessa mediação portuguesa, principalmente junto às crianças, começou a ser notado, de certo momento em diante, pela linguagem. Aos poucos a língua portuguesa, no Brasil, foi-se diferenciando da portuguesa em Portugal; e os textos oferecidos para leitura tornavam-se quase ilegíveis, devido às diferenças de vocabulário e sintaxe. Foi quando começou uma reação nacionalista contra a predominância lusitana em nossa cultura, tendo Monteiro Lobato à frente, quanto à Literatura Infantil **A Tradução e a Imagem**.

A partir dos anos 30, a **imagem** (e não mais a **linguagem escrita**) começa a se impor como a grande mediadora dos Conhecimentos e Sentimentos a serem difundidos entre os homens. No âmbito da literatura para crianças e jovens a **tradução das estórias-em-quadrinhos** vai desempenhar a tarefa anteriormente desempenhada pela Literatura. A partir dessa mudança fundamental nos meios de comunicação, são raros os livros contemporâneos, traduzidos para o português, que tenham tido repercussão marcante no nosso público infantil ou juvenil. É o caso, por exemplo, de O PEQUENO PRÍNCIPE de Saint-Exupéry que foi dos raros sucessos literários na área, e que não contou com a propaganda-apoio do cinema ou da televisão. Os livros estrangeiros, que ainda perduram no gosto dos pequenos, vieram do passado e hoje são considerados "clássicos" da Literatura Infantil/Juvenil. Entre eles incluem-se as muitas traduções e adaptações de obras universais para adultos, cujos heróis continuam fascinando os pequenos. Como é o caso do D. QUIXOTE DE LA MANCHA de Cervantes; os heróis rocambolescos de Alexandre Dumas, etc., etc.

Em nosso século, como sabemos, a **imagem** vem sendo o grande fator decisivo do sucesso de uma **personagem** ou de uma **mensagem**.

Sucesso que resulta, via de regra, de combinação dos três grandes meios-de-comunicação-de-massa: cinema, televisão e imprensa. Estamos em pleno império de visualidade e da velocidade de "leitura".

Nessa área, entre nós, o primeiro passo foi dado pelo O TICO-TICO, a primeira e mais famosa revista-em-quadrinhos brasileira, iniciada em outubro de 1905, como tradução das aventuras de **Buster Brown**. Este personagem-menino, criado pelo desenhista americano Outcalt, no Brasil recebeu o nome de **Chiquinho**. Com o fim de **Buster Brown** nos Estados Unidos, **Chiquinho** transforma-se em personagem nacional (desenhado sucessivamente por J. Loureiro, A. Rocha, A. Storni, Paulo Affonso e principalmente por J. Carvalho). Muitas outras experiências com revistas se seguiram ao O TICO-TICO. Houve fracassos e sucessos, mas esta revista pioneira conseguiu sobreviver muitos anos.

Na linha dos grandes heróis lançados pelos "quadrinhos" e introduzidos no Brasil, desde os anos 20, estão: CAPITÃO BLOOD; BRICK BRADFORD; O FANTASMA; ELLA CINDERS e JIM HARDY (lançados pela **Gazeta** ou **Gazeta Juvenil**. São Paulo). FLASH GORDON; JIM DAS SELVAS; TARZÁ; BILL-AGENTE SECRETO X-9; MANDRAKE; DICK TRACY; PRÍNCIPE VALENTE... (lançados nos anos 30 pelo **Suplemento Juvenil de A Nação**, Rio de Janeiro, que lança também os **comic books** infantis: MIRIM e GLOBINHO). Na mesma época, surge o **Suplemento Juvenil de O Globo**, Rio de Janeiro, publicando os quadrinhos cômicos de LI'L ABNER (transformando depois em **Fernandinho**); ALLEY OOP (Brucutu); ABIE AN'SLATS (Zé Mulambo); DON DIXON; etc. Eram outros, os heróis e outras as aventuras que o nosso século oferecia para a criança ou para a juventude.

Divididos em duas grandes áreas de atuação: a das **super-aventuras** e a do **riso** (meramente lúdico ou satírico), os heróis e anti-heróis, "traduzidos" das histórias-em-quadrinhos importadas, enfrentam situações diferentes. Na, primeira, a das **super-aventuras**, eles simbolizam o **homem que rompe com seus naturais limites** de ser humano e, pelo Ideal que os impulsiona, se transformam nos **super-homens** que, por um meio mágico qualquer, resolvem todos os problemas de Humanidade, seja no globo terrestre ou no espaço desconhecido. Na segunda, a do **riso**, via de regra, ameaçados pelos mil problemas materiais o cotidiano, e assumindo comportamentos ridículos, ingênuos ou cômicos, eles simbolizam o **homem comum**, preso

por suas limitações e importância, e se transformam nos **anti-heróis** (em geral sob a forma de um animal ou de uma criança) que, à custa de inteligência, astúcia ou malandragem, conseguem burlar os obstáculos ou vencê-los, contra todas as previsões lógicas.

Evidentemente, tais **heróis** e **anti-heróis importados** não só "alimentam" a imaginação de seus leitores (pequenos ou grandes), como também influenciam a nossa criação literária, seja como adesão, seja repúdio...

Em 1950, a Editora Abril abre definitivamente o mercado brasileiro para as revistas-em-quadrinhos, lançando a série de Walt Disney, PATO DONALD, e contando com o apoio simultâneo dos **deseñhos animados** no cinema e na televisão, que também começava sua expansão, entre nós.

Os anos 60 vão ser excepcionalmente marcantes na difusão dessa nova arte, os **quadrinhos**, permitindo, inclusive, o surgimento de um artista brasileiro, Maurício de Sousa, único até agora, capaz de concorrer com a produção importada, e ser, por sua vez, exportado... Pela primeira vez, "heróis" brasileiros são **traduzidos** para o grande público e passam a divulgar nossa realidade ou personalidade para além das fronteiras...

Hoje, os postos-de-venda, que se espalham pelo país, estão literalmente cobertos pelas coloridas revistas, almanaques, álbuns, folhetos, etc. (traduzidos ou nacionais) que veiculam uma diversificada literatura-em-quadrinhos, onde os "super" e os "anti" **heróis** se multiplicam, como mediadores dos atuais ideais ou dos valores da sociedade-de-consumo que nos governa. O **HOMEM BORRACHA**; O **HOMEM ARANHA**; O **INCRÍVEL HULK**; **MULHER MARAVILHA**; **MAFALDA**; **CHARLIE BROWN**; **SNNOPY**; **CAPITÃO MARVEL**; **SUPERBOY**; **REIS DO FAROESTE**; **CAPITÃO AMÉRICA**; **ZERÓIS** de Ziraldo; a **TURMA DA MÔNICA** do Maurício de Sousa etc., etc. São alguns dos muitos personagens da literatura-em-quadrinhos que satirizam a vida contemporânea ou que estão empenhados no combate ao crime. Através de poderes sobrenaturais, vencem os obstáculos e, assim, atuam de maneira catártica no leitor: por um lado, **compensando-o** pelas derrotas cotidianas que a vida lhe inflige; por outro, criando em seu espírito a **ilusão** do sonhado ou desejável **poder absoluto** que resolveria todos

os seus problemas... Evidentemente, tudo isso vem "filtrado" pela **medição ideológica norte-americana** que, hoje, nesta "aldeia global" em que o mundo se transformou, é uma espécie de **dominador comum** igualando, entre si, (pelo menos na aparência) as nações que estão fora do eixo soviético. Desde a moda **jeans** ou da bebida refrigerante, até as **idéias** ou **modus vivendi** da sociedade-de-consumo que está na base do progresso mundial.

Atentar para essa influência estrangeira nas leituras e "programas" de lazer de nossas crianças e jovens; **estimular** o que ela tem de **positivo** e procurar **neutralizar** o que tem de **negativo**, é **tarefa urgente** que cabe a todos nós, adultos, interessados em orientar os novos, para uma vida mais plena, em criatividade e autenticidade pessoal, em harmonia com as peculiaridades da nação, onde logo mais eles devem atuar como adultos competentes.

Urge, pois, que as crianças e jovens descubram a Palavra, através da leitura envolvente da Literatura Nacional e da Estrangeira que, traduzida ou no original, ampliará suas experiências de vida...

Pelo **equilíbrio** ou fusão entre as **diferenças humanas e/ou sociais**, tal qual a **tradução** vem fazendo com as **diferenças lingüísticas**, é possível que os homens possam, talvez em futuro próximo, recomeçar a construção coletiva da **Torre de Babel** que, então, mudará sua significação semântica: de confusão e dispersão passará a ser entendida como **equilíbrio, união e dinamismo criador**...

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

(Para possível ampliação do tema)

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1968.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. São Paulo, Quíron/INLMEC, 1981.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo, Quíron, 1983.

- MARQUES, Jr., Henrique. **Achegas para uma Bibliografia Infantil.** Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928.
- SÁ, Domingos Guimarães de. **A Literatura Infantil em Portugal** (Dicionário Bibliográfico). Braga, Editorial Franciscana, 1981.
- SOUZA, Ruth Villela Alves de. **Presença dos Autores Alemães nos Livros Infantis Brasileiros.** Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1979.